

# Um caso clínico: da criança generalizada ao sujeito em sua singularidade<sup>1</sup>

---

Maria Helena Coelho Martinho

## Resumo

O caso clínico de uma criança de 5 anos de idade, levada para a análise porque não ouve e não fala, ilustra um giro discursivo do lugar que essa criança ocupa no discurso científico-capitalista — objeto de estudo, “criança generalizada” — para o lugar que ela passa a ocupar no discurso do analista — sujeito do desejo, capaz de sustentar sua singularidade. O caso clínico evidencia que no discurso da ciência — instituído no discurso universitário — o saber, agente do poder e da dominação, incide sobre o outro, lugar que essa criança ocupa como objeto *a*, objeto da ciência, objeto do gozo do Outro, criança objetalizada, “criança generalizada”; mas o discurso do analista desloca a criança, até então cristalizada no lugar de objeto *a*, para o lugar de sujeito, desvelando que para além da maturação do organismo humano está o sujeito do inconsciente, que subjetiva, que dá uma significação própria, singular, aos fenômenos de seu corpo.

## Palavras-chave:

Discurso científico-capitalista; Criança generalizada;  
Discurso analítico; Sujeito do desejo.

## A clinical case: from the generalized child to the subject in its singularity

## Abstract

The clinical case of a five-years-old child, brought to analysis because he can't hear or speak, illustrates a discursive shift from the place this child occupies in the scientific-capitalist discourse — object of study, “generalized child” — to

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado pela autora em uma plenária no XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Brasília, em 2024, com o tema “A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos”.

the place he occupies in the analyst's discourse — subject of desire, capable of sustaining his singularity. The clinical case shows that in the discourse of science — instituted in the university discourse — knowledge, the agent of power and domination, focuses on the other, a place that this child occupies as object *a*, object of science, object of the Other's jouissance, objectified child, "generalized child"; but the analyst's discourse shifts the child, until then crystallized in the place of object *a*, to the place of subject, revealing that beyond the maturation of the human organism lies the subject of the unconscious, who subjectivates, who gives his own singular meaning to the phenomena of his body.

### **Keywords:**

Scientific-capitalist discourse; Generalized child;  
Analytical discourse; Subject of desire.

## **Un caso clínico: del niño generalizado al sujeto en su singularidade**

### **Resumen**

El caso clínico de un niño de 5 años, llevado a análisis porque no oye ni habla, ilustra el desplazamiento discursivo del lugar que este niño ocupa en el discurso científico-capitalista — objeto de estudio, "niño generalizado" — al lugar que ocupa en el discurso del analista — sujeto de deseo, capaz de sostener su singularidad. El caso clínico muestra que en el discurso de la ciencia — establecido en el discurso universitario — el saber, agente de poder y dominación, se centra en el otro, lugar que este niño ocupa como objeto *a*, objeto de la ciencia, objeto del goce del Otro, niño cosificado, "niño generalizado"; pero el discurso del analista desplaza al niño, hasta entonces cristalizado en el lugar de objeto *a*, al lugar de sujeto, revelando que más allá de la maduración del organismo humano se encuentra el sujeto del inconsciente, que subjetiviza, que da un sentido propio y singular a los fenómenos de su cuerpo.

### **Palabras clave:**

Discurso científico-capitalista; Niño generalizado;  
Discurso analítico; Sujeto del deseo.

## Un cas clinique : de l'enfant généralisé au sujet dans sa singularité

### Résumé

Le cas clinique d'un enfant de 5 ans, amené en analyse parce qu'il n'entend pas et ne parle pas, illustre un glissement discursif de la place que cet enfant occupe dans le discours científico-capitaliste — objet d'étude, « enfant généralisé » — à la place qu'il occupe dans le discours de l'analyste — sujet du désir, capable de soutenir sa singularité. Le cas clinique montre que dans le discours de la science — institué dans le discours universitaire — le savoir, agent de pouvoir et de domination, se focalise sur l'autre, place que cet enfant occupe comme objet *a*, objet de science, objet de la jouissance de l'Autre, enfant objectivé, « enfant généralisé » ; mais le discours de l'analyste déplace l'enfant, jusqu'alors cristallisé à la place d'objet *a*, à la place de sujet, révélant qu'au-delà de la maturation de l'organisme humain se trouve le sujet de l'inconscient, qui se subjectivise, qui donne un sens singulier aux phénomènes de son corps.

### Mots-clés :

Discours científico-capitaliste ; Enfant généralisé ;  
Discours analytique ; Sujet du désir.

O caso clínico de uma criança de 5 anos de idade, levada para a análise porque não ouve e não fala, ilustra um giro discursivo do lugar que essa criança ocupa no discurso científico-capitalista — objeto de estudo, “criança generalizada” — para o lugar que ela passa a ocupar no discurso do analista — sujeito do desejo, capaz de sustentar sua singularidade.

Consequências teóricas, clínicas e políticas para a psicanálise com crianças são extraídas do discurso de encerramento das jornadas sobre as psicoses infantis proferido por Lacan em 1967, sob o título “Alocução sobre as psicoses da criança”. Nesse texto, Lacan cunha a expressão “criança generalizada” a partir da expressão “não existe gente grande” — pinçada do livro *Antimemórias*, de André Malraux — e conclui que, se não existe gente grande, todos somos crianças. A “criança generalizada” põe em debate a questão do gozo e da responsabilidade subjetiva; o elemento separador entre a criança e o adulto não é a cronologia, nem a puberdade, mas a posição ética de cada um em relação a seu modo de gozo.

“A criança é o pai do homem”, já dizia o grande poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850) em seu texto *My heart leaps up*, publicado em 1802:

My heart leaps up when I behold  
A rainbow in the sky:  
So was it when my life began;  
So is it now I am a man;  
So be it when I shall grow old,  
Or let me die!  
**The Child is father of the Man;**  
And I could wish my days to be  
Bound each to each by natural piety (Wordsworth, 1802)

Meu coração salta quando contemplo  
Um arco-íris no céu:  
Assim foi quando a minha vida começou;  
Assim é agora que sou um homem;  
Assim seja quando eu envelhecer,  
Ou deixe-me morrer!  
**A Criança é o pai do Homem;**  
E eu poderia desejar os meus dias para ser  
Limite cada um para cada um por piedade natural (Wordsworth, 1802,  
tradução nossa)

Mais de um século depois, em 1913, em um texto intitulado “El interés por el psicoanálisis”, Freud afirma de forma contundente que a psicanálise levou a sério o aforismo de Wordsworth:

Não é qualquer análise de fenômenos psicológicos que merecerá o nome de psicanálise (...). A psicanálise teve que derivar a vida psíquica do adulto da vida psíquica da criança, levando a sério o aforismo “A criança é pai do homem” (...). Toda orientação posterior de um homem tem as impressões de sua infância, em particular de sua primeira infância (...). As formações psíquicas infantis nada sucumbem no adulto (...). O que no material psíquico em um ser humano permaneceu infantil, recalcado como inviável, constitui o núcleo do inconsciente. (Freud, 1913/2005, p. 185, tradução nossa)

Freud introduziu a sexualidade do falante como infantil, identificou o gozo na infância dos adultos que analisava e sustentou que esses adultos permaneceram no gozo infantil. A sexualidade é infantil não porque ocorra na infância, como período temporal do desenvolvimento, mas porque sua estrutura é infantil.

Em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan (1959-1960/1991) chama a atenção para o fato de que

(...) no início do século XIX — época em que Wordsworth publicou seu poema — com a revolução industrial, na Inglaterra, o romantismo inglês apresenta-se com seus traços particulares que constituem o valor dado às recordações de infância, ao mundo da infância, aos ideais e aos votos da criança, com os quais os poetas da época constituem a raiz, não apenas da inspiração, mas da exploração de seus temas principais. (Lacan, 1959-1960/1991, p. 36)

Nesse mesmo seminário, Lacan critica os psicanalistas pós-freudianos, apontando “uma contradição no uso” (Lacan, 1959-1960/1991, p. 37) que esses fizeram do aforismo de Wordsworth — *A criança é pai do homem*:

A referência à infância, a ideia da criança que há no homem, a ideia de que algo exige do homem ser outra coisa além de uma criança, e que, no entanto, as exigências da criança fazem sempre sentir dentro dele, tudo isso é, na ordem da psicologia, perfeitamente situável historicamente. (Lacan, 1959-1960/1991, p. 37)

Em meados do século XX, o escritor francês André Malraux (1901-1976) enuncia outro aforismo relativo à criança: “Não há gente grande”. Em seu livro intitulado *Antimemórias* (Malraux, 1968), em conversa com o capelão de Glières, o protagonista indaga:

— Há quanto tempo confessa?  
— Uns quinze anos.  
— Quem lhe ensinou a confissão sobre os homens?  
— Sabe, a confissão não ensina nada, porque, desde que se confessa, é-se outro, há Graça. No entanto... Primeiro, as pessoas são muito mais infelizes do que se pensa... e depois... a essência de tudo é que ***não há gente grande...***  
(...) Concordo com o capelão de Glières — mas se ele preferia que não houvesse gente grande, é que as crianças estão salvas... (Malraux, 1968, p. 6)

No mesmo ano em que o livro de Malraux foi publicado na França, 1967, Lacan o tomou como referência no discurso de encerramento das jornadas sobre os psicose infantis e comentou o famoso aforismo: “Não há gente grande”:

Certas antimemórias ocupam hoje o noticiário (...) o autor as abre com a confidência, de estranha ressonância, com que dele se despediu um reli-

gioso: “Acabei acreditando, veja só, neste declínio de minha vida”, disse-lhe ele, “que não existe gente grande”. Eis o que assinala a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação. (Lacan, 1967/2003, p. 367)

No mesmo discurso de encerramento das jornadas sobre as psicoses infantis, Lacan comenta:

Os homens estão enveredando por uma época que chamamos planetária, na qual se informarão por algo que surge da destruição de uma antiga ordem social, que eu simbolizaria pelo Império, tal como sua sombra perfilou-se por muito tempo numa grande civilização, para ser substituída por algo bem diverso e que de modo algum tem o mesmo sentido — os imperialismos, cuja questão é a seguinte: como fazer para que as massas humanas fadadas ao mesmo espaço, não apenas geográfico, mas também, ocasionalmente, familiar, se mantenham separadas? (...) Como responderemos, nós os psicanalistas a segregação trazida à ordem do dia por uma subversão sem precedentes? (Lacan, 1967, pp. 360-361) (...) Haveremos de destacar pelo termo criança generalizada a consequência disso? (Lacan, 1967/2003, p. 367)

A expressão cunhada por Lacan — “criança generalizada” — denuncia não somente “a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação” (Lacan, 1967/2003, p. 370), mas também o reducionismo da psicanálise a uma psicologia do desenvolvimento.

O que responde o analista diante da criança generalizada? Aos analistas que reduziram a psicanálise de criança a uma psicologia evolutiva, adaptativa, ortopédica, transformando a criança em um objeto adaptado, treinado, alvo de práticas segregacionistas, Lacan responde a partir de bases éticas, levando adiante o legado de Freud, sustentando, assim, o discurso do analista.

Quer se dirija a uma criança ou a uma pessoa grande, a psicanálise acolhe a fala de um sujeito, de alguém que não se encaixa em nenhum quadro de saber universal, pois existe um infantil no psiquismo que é irreduzível a qualquer dimensão cronológica, evolutiva, desenvolvimentista. Se há algo que separa a criança do adulto, certamente não é a idade, nem o desenvolvimento, mas uma posição ética de cada um em relação a seu modo de gozo. Por que “Freud sentiu que era seu dever reintroduzir nossa medida na ética através do gozo?” (Lacan, 1967/2003, p. 370).

Ricardo é encaminhado para a análise, aos 5 anos de idade, pela fonoaudióloga. Aos 2 anos, iniciou o tratamento fonoaudiológico; aos 3, fez uma audiometria que acusou um déficit de audição de 15% em um ouvido e de 20% no outro; aos

5, submeteu-se a uma cirurgia para implante de carretel nos dois ouvidos e para a retirada da adenoide. Após a cirurgia, a audiometria acusou 38% de déficit nos dois ouvidos. Os pais mudaram de otorrino. A cirurgia foi considerada malsucedida. O menino teria que se submeter a uma nova cirurgia.

Os pais relatam em entrevistas que a mãe não desejava a gravidez inesperada desse filho caçula, mas, por insistência do pai, resolveu mantê-la. Como prêmio, ela ganharia do marido uma cirurgia de ligadura de trompas, mas na hora “h” o marido não cumpriu o prometido, não autorizou a ligadura.

Ricardo vem para a primeira entrevista. Menino miúdo, sujo, com olheiras profundas, pele ressecada; o nariz escorre, ele baba. Cabisbaixo, arrisca um olhar de relance. Durante as entrevistas, o menino não fala; vez por outra, emite uns grunhidos; peço que repita, mas ele se retrai e emburra.

Se dos pais não havia demanda de análise para o filho, do menino tampouco havia qualquer espécie de endereçamento. A manobra de transferência consistiu em buscar deslocar a criança do lugar de objeto de pesquisa, que ele ocupava para vários especialistas — pediatras, fonoaudiólogas, otorrinos, alergistas, cirurgiões —, fazendo-o entrar como sujeito no discurso analítico. A analista, ao não se inscrever na série dos especialistas, interroga-o, provoca-o, exige que fale, que repita, que transforme os grunhidos em palavras. Após vários meses apostando nessa direção, o menino finalmente dá um sinal de que ali existe um sujeito. Ele traz cartões de Natal no bolso e diz: “foi Papai Noel que me deu”. Faz um desenho e diz: “pai, mãe, Papai Noel e ninguém”. Ao brincar de casinha: arruma um quarto, o outro, deixa o terceiro quarto da casa vazio. Pergunto de quem é aquele quarto, e ele responde: “de ninguém”.

Agora, vou fazer o anjinho. O anjinho caiu e quebrou o braço. Vou fazer outro desenho: três super-homem, um monte de janela, o Papai Noel com o sino dele. A porta grande e a porta pequenininha. O sol e a lua. O Papai Noel vai entrar pela porta grande, ele é grande.

Pergunto: e a porta pequena, para quem é? “Para neném”, diz ele. O menino desenha um bebê e diz: “Ele está morto, morreu de bronquite dentro da barriga da mãe, não do pai. E o pai ficou triste. E a chuva cai.”

Ricardo começa, assim, a construir sua história, seu romance familiar: um “neném-ninguém”, que não ouve e não fala, um erro nas contas, um “anjinho”, bebê morto na barriga da mãe, mero contrapeso à ligadura de trompas que não aconteceu, chorado apenas pelo pai, que o desejou.

Enquanto joga com o dominó de formas, aponta para o círculo e diz: “é uma mula sem cabeça, não tem olho, não tem orelha, não tem boca, não tem cabelo,

não tem sobancelha, não tem testa, não tem bochecha. Era uma vez uma mula sem cabeça, sem ouvido, sem boca, sem olho. Ela tinha perna de pau”. Pergunto: ela nasceu sem cabeça? E ele responde: “Não, alguém tirou.”

“Ninguém”, “neném”, “anjinho”, “bebê morto”, “mula sem cabeça”. A partir desses significantes que deslizam na cadeia, a analista busca construir juntamente com ele o que de sua história pode ser significada no nível de sintoma. A criança suja e descuidada, que não ouve e não fala, até então, não parecia se inquietar nem sofrer com seu estado, não se queixava, não endereçava nenhuma demanda à analista. A partir daquele momento, a “mula sem cabeça” se torna claramente uma questão.

Durante sessões subsequentes, Ricardo passa a identificar nos jogos e nas cartas de baralho mulas com cabeça: “ela tem cabeça, olho, nariz e boca”. Pergunto qual é a razão disso, e ele responde: “Nasceu.”

Desde 1967, Lacan adverte os psicanalistas para a tendência crescente na civilização em relação à objetualização do sujeito, à rejeição da diferença e da alteridade, à universalização dos modos de gozo, à irresponsabilidade quanto ao modo de gozo e à segregação, provenientes da aliança entre a ciência e o capital. Esse caso clínico evidencia que, no discurso da ciência — instituído no discurso universitário —, o saber, agente do poder e da dominação, incide sobre o outro, lugar que essa criança ocupa como objeto *a*, objeto da ciência, objeto do gozo do Outro, criança objetualizada, “criança generalizada”; mas o discurso do analista desloca a criança, até então cristalizada no lugar de objeto *a*, para o lugar de sujeito, desvelando que, para além da maturação do organismo humano, está o sujeito do inconsciente, que subjetiva, que dá uma significação própria, singular, aos fenômenos de seu corpo. A simbolização do real, a transformação do lugar de objeto de gozo do Outro — “neném-ninguém”, que não ouve e não fala — em significantes opera a partir do deciframento do inconsciente. A ética do discurso do analista subverte a ética do discurso científico-capitalista, sustenta a ética do desejo, inclui a responsabilidade desse sujeito em relação a seu gozo, independentemente de sua idade cronológica.

## Referências bibliográficas

- Freud, S. (2005). El interés por el psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 165-178). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)
- Lacan, J. (1991). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1967)

Malraux, A. (1968). *Antimemórias*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Wordsworth, W. (1802). My heart leaps up. Recuperado de <https://poets.org/poem/my-heart-leaps>

**Recebido:** 08/04/2024

**Aprovado:** 14/05/2024